

# RELIGIÃO E POLÍTICA COMBINAM? A ASSEMBLÉIA DE DEUS E ATUAÇÃO POLÍTICA EM FEIRA DE SANTANA (1972-1990)

Igor José Trabuco da Silva  
Mestrando em História Social - UFBA  
Especialização em História da Bahia - UEFS  
[igorjtrabuco@yahoo.com.br](mailto:igorjtrabuco@yahoo.com.br)  
GP: Protestantismos e Pentecostalismos

## Religiosidade em Feira de Santana: a Assembléia de Deus clama seu espaço

Feira de Santana tem o nome derivado da feira semanal, mas, não deve ser esquecido que essa denominação é, também, uma homenagem a Santana. A religião sempre foi uma força poderosa em Feira de Santana, desde os tempos coloniais. Quase todo povo do município se constituía de católicos, para os quais os símbolos da fé representavam uma parte de sua vida diária. Em tôdas as ocasiões importantes, do nascimento até a morte, uma cerimônia religiosa acompanhava, invariavelmente, a vida de cada qual, enquanto os dias santos especiais e os festivais religiosos se celebravam com tôda a pompa e ostentação da Igreja católica<sup>1</sup>.

Feira de Santana teve, em sua fundação a homenagem a Senhora Sant'Anna, em razão do casal Domingos Barbosa de Araújo e Ana Brandão, que foram responsáveis pela fazenda Sant'Anna dos Olhos D'Água, no século XVIII. Construíram na mesma, uma capela para Senhora Sant'Anna e São Domingos. Portanto, verifica-se a força do catolicismo em Feira de Santana. Poppino tenta atenuar esta força, afirmando ter tido a religião católica mais força social que espiritual:

Em caso de conflito, as causas temporais tinham preferência, quando estivesse envolvida a Igreja. Isso verifica-se claramente no caso da feira semanal, que se reunia com regularidade até nos dias santos religiosos mais importantes do ano<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> POPPINO. Op cit. P. 309.

<sup>2</sup> POPPINO. Op cit. P. 309.

A feira livre tinha uma forte vinculação religiosa. Isto não significava, como diz Poppino, que o temporal tinha mais força, mas que não se separa a religião dos elementos culturais e do contexto sócio-econômico e organizacional de um grupo. E foi o que se verificou na cidade.

Feira de Santana, apesar de já ser uma das principais cidades baianas em termos econômico e populacional, foi, inicialmente, um local de difícil atuação missionária protestante. E o poderio católico na cidade explica o porquê desta rejeição. A partir da década de 1940 que os protestantes conseguiram intensificar sua atuação na região. Podem ser considerados os empreiteiros nesta jornada, o casal Gillanders, que em Feira de Santana se instalaram na década de 1930, fundando uma primeira denominação protestante. Este fato encontra-se nas memórias de Isobel Gillanders, que demonstra os conflitos e rejeição da presença protestante em Feira de Santana<sup>3</sup>.

Na cidade, o estabelecimento da primeira denominação protestante foi em 1935, com a Primeira Igreja Evangélica Unida, posteriormente designada como Igreja Batista Fundamentalista, conforme Isobel Gillanders. A Assembléia de Deus chegou em 1938.

A Assembléia de Deus teve sua formação no Brasil, em 1911, com a vinda dos suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg. *Tem um ethos sueco-nordestino. Começou com os nórdicos e passou para os nordestinos*<sup>4</sup>. Foram, em sua formação, fruto de um grupo pequeno e marginalizado e relativamente pobre. Assim, o ethos da Assembléia de Deus evitou um aburguesamento precoce que antecipasse as condições oferecidas pela própria sociedade brasileira aos membros da Igreja<sup>5</sup>.

Isto se confirma em Feira de Santana quando da fundação do grupo religioso, em 1938. A membresia, em sua maioria era formada por agricultores, pequenos comerciantes e domésticas (donas-de-casa).

Os protestantes históricos, pentecostais e neopentecostais vêm marcando presença em diversos espaços da sociedade, construindo condições não só de manter seus fiéis ativos na fé, como de atrair novos prosélitos. A presença deles não se restringe apenas ao âmbito interno das denominações, nas quais encontram como um primeiro momento de sociabilidade, mas também atinge âmbito externo e público. São novas

---

<sup>3</sup> GILLANDERS, Isobel. *A história inacabada*. Tradução: Lélia V. Fernandes. Feira de Santana. Ed. Planzo. 1990.

<sup>4</sup> FRESTON, Paul. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro. IN ANTONIAZZI, R. ... [et al]. Petrópolis. RJ. Vozes. 1994. p. 76

<sup>5</sup> FRESTON. Op cit. P. 79.

representações que se constroem da interação com diversos segmentos da sociedade feirense.

A cidade de Feira de Santana, segunda maior do estado da Bahia, vem demonstrando junto com o processo da urbanização, a multiplicação de diversos templos de denominações cristãs em seus bairros. A religião não está à parte deste processo.

O crescimento evangélico, portanto, está aliado ao processo de urbanização e ao crescimento de uma sociedade de massa. Neste contexto se deu o crescimento e expansão de denominações, como a própria Assembléia de Deus. *Começa quando a urbanização e a formação de uma sociedade de massas possibilitam um crescimento pentecostal que rompe com as limitações dos modelos existentes*<sup>6</sup>.

Conforme Freston, os grupos evangélicos tiveram um maior crescimento no Brasil a partir da segunda metade do século XX. Encontro similaridades com a pesquisa, pois o momento da urbanização feirense foi o período de crescimento de diversos grupos de base pentecostal, se destacando a Assembléia de Deus, que é o grupo pentecostal de maior expressão, tanto em número de membros, quanto em atividades políticas de cunho assistencialista em todo município.

A religião é um elemento da cultura, portanto, mantém uma relação dinâmica com os demais componentes de uma determinada realidade sociocultural. Tomando por base o trabalho de Elizete da Silva, *A Expansão Protestante em Feira de Santana*, compreendemos a importância que a religião tem para o conhecimento da sociedade feirense

... na medida em que se busca conhecer grupos organizados e segmentos da sociedade perscrutando os sentimentos religiosos, as relações com o sagrado e as representações sociais e políticas a partir das matrizes doutrinárias, uma contribuição fundamental está sendo feita para resgatar historicamente a sociedade feirense e suas relações culturais<sup>7</sup>.

O estudo da religião e das formas de religiosidade é importante no entendimento da organização e ação humana. Estudar religião não significa ou implica apenas em estudos eclesiais, mas também, e isto é de suma importância, em perceber camadas da sociedade, homens e mulheres, no tempo e no espaço histórico.

---

<sup>6</sup> FRESTON, Op cit. p. 72.

<sup>7</sup> SILVA, Elizete da. Elizete. *A Expansão protestante em Feira de Santana – 1935 a 1995*. Projeto de Pesquisa. 2000. p. 04.

Objetiva-se perceber a atuação de um grupo religioso específico, os pentecostais da denominação da Assembléia de Deus de Feira de Santana. Grupo este marcado por costumes e normas rígidos quanto aos cuidados com o corpo e participação na vida secular.

O tema desdobra-se na atuação dos membros da Denominação Assembléia de Deus na política, um aspecto que era considerado ímpio pelos mesmos e por diversos grupos ligados tanto ao protestantismo histórico, como seu desdobramento, o pentecostalismo. Os aspectos políticos pertencentes, portanto, ao mundo e que seus membros deviam evitar, pois participar do que é ímpio significava desviar dos mandamentos divinos, cuja advertência é *tu não participarás*.

A temática em apreço estuda a relação entre religião e política, vista muitas vezes como pólos opostos por muitos, principalmente pelos praticantes de manifestações de fé ou por militantes políticos. Mas, como diz um provérbio popular de domínio público: *pólos opostos se atraem*. E é este o outro viés que este *paper* assume, ou seja, estudar a relação entre a religião e política, a política do grupo em apreço, através de diversas formas de se verificar atuação política presente no grupo pentecostal da Assembléia de Deus.

Este envolvimento político não ficou isento de cuidados sobre a manutenção doutrinária e dos costumes da comunidade religiosa. A questão moral foi um fator, inclusive do envolvimento mais contido do grupo religioso em apreço, que se inseria em um contexto nacional de repressão.

É sobre a organização política assistencialista e de barganha, apontados para o grupo da Assembléia de Deus que o trabalho se direciona, no sentido de perceber relações do grupo religioso com aspectos políticos sociais presentes na política feirense.

Através da política assistencialista verifica-se um contato dos grupos religiosos com políticos locais e regionais. Os grupos religiosos, praticantes de atividades assistencialistas, solicitam junto aos representantes do poder público local e regional apoio para manutenção destas entidades, como terrenos para construir as instalações, ajuda para custeio alimentar e manutenção de pessoal responsável pela entidade, entre outros fatores que não são necessários no momento (em momento oportuno serão destacados). A política assistencialista leva a uma segunda forma, que é a de barganha.

A política de barganha ocorre pelo interesse que se dá entre as partes envolvidas, a que pede e a que concede. Há, portanto, uma troca de interesses, um toma lá dá cá, ou seja, o político, que na maioria concede, também pede algo em troca, que vem ser o

apoio do grupo religioso solicitante, ou para ser mais preciso, o apoio dos membros deste grupo religioso.

### **A atuação política da Assembléia de Deus em Feira de Santana**

“Tu não participarás”! Este era o lema evangélico para o que se referisse às atividades mundanas. Aqueles que fossem batizados, ou seja, renascidos com a palavra de Deus deveriam se ausentar do que fosse impuro. E era impuro o que se referisse às questões seculares (mundanas).

O pentecostalismo, de base radical, a exemplo da denominação Congregação Cristã, fundada em 1910, e da própria Assembléia de Deus, da qual seus fiéis são sujeitos da referente pesquisa, fundada em 1911, levavam esse lema ao “pé da letra”, em diversos sentidos da vida social e moral do fiel. Este deveria então se ausentar do “mundo lá fora”, deixando de lado atividades pecaminosas, como as já ditas vestimentas que pudessem deixar o corpo em evidência, jogos de todos os tipos, aparelhos eletrônicos como televisão e rádio, entre outras atividades, a exemplo de lazeres como o cinema.

Nesse sentido que a Assembléia de Deus se ocupou de diversas atividades de cunho assistencialista, a exemplo de distribuição de alimentos, como pão e sopa, de construção de abrigos para idosos. Mas, destacou-se perante a sociedade feirense, com orfanatos e creches, como o Orfanato Evangélico da Assembléia de Deus (OEAD), a Associação dos Menores Abandonados (AMA) e com centro de recuperação, Centro de Recuperação Desafio Jovem (CRDJ). Estas entidades foram criadas ao longo das décadas de 1950 a 1980, como o Orfanato Evangélico (década de 1950) e a AMA e o Desafio Jovem (ambos, década de 1980).

O Orfanato Evangélico da Assembléia de Deus, fundado em 1950, visava amparo a crianças carentes e apoio aos pais que precisavam trabalhar e não tinham onde deixar seus filhos. Foi uma das primeiras entidades da denominação religiosa. Seu terreno foi uma concessão de políticos. O mesmo se observa em relação as outras duas entidades citadas. Observamos que havia um apelo dos evangélicos junto às autoridades para conseguirem terrenos para suas entidades, como também para novas congregações religiosas. Ou seja, não queriam participar da política, não queriam um envolvimento com questões mundanas, até certo limite, pois, apesar das normas e doutrinas do grupo,

e das representações que construíam de si e da sociedade feirense ao qual estavam circunscritos, faziam parte da mesma e dos jogos de poder.

As atividades assistencialistas indicavam um modo de participação social e os pedidos que faziam junto aos políticos, do município ou da região, também. Atribuímos esta relação junto as autoridades, tanto no sentido de favorecimento próprio, quanto de manutenção de entidades assistencialistas como barganha, negociar junto aos políticos.

As barganhas se comprovam pela troca de ajuda por votos e datam de períodos próximos à fundação da denominação em Feira de Santana, em 1938. Como em ata de 1957 em que *foi esculhido uma comissão de irmãos para encaminhar os irmãos para tirar títulos de eleitor dando assim orientações para que unidos votemos em um candidato que si prontificar a ajudar a igreja*<sup>8</sup>. Ficavam com o princípio de submissão às autoridades, conforme rezava o texto bíblico da matriz religiosa, da carta de Paulo aos Romanos, capítulo 13:1. *Todo homem está sujeito às autoridades. Toda autoridade/poder vem de Deus.*

Este afastamento do mundo se relacionava a diversos aspectos do social e do cultural. A política, enquanto envolvimento com o mundo, era também uma forma de pecaminosidade. Seria útil, contudo, desde que fosse para trazer novas almas para conversão, ou em praticar atos de solidariedade<sup>9</sup>.

André Corten contribui ao entendimento da questão ao realizar uma análise do pentecostalismo e sua relação com a política. Utiliza os conceitos de greve social e de antipolítico, significando a recusa do espaço da cidade, por este ser um espaço de ação do homem secular, não do homem convertido, que deixou de lado seu “eu interior” em função dos valores da comunidade religiosa para a qual renasceu:

Converter-se e entrar para uma Igreja significa para o indivíduo aceitar que a totalidade dos seus atos sejam regulamentados e controlados pela comunidade religiosa, não lhe deixando nenhum domínio no qual a sua consciência pessoal seja o único juiz... Finalmente, na vida profissional e pública, a moral ensinada torna-se francamente negativa e passiva: é preciso ser submisso na obediência e no respeito às autoridades (quer se trate das autoridades do Estado, do patrão ou dos sindicatos), mas a regra de ouro é ‘Tu não participarás’... O crente isolado deve seguir uma ética de retiro e de greve<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> Ata nº 51 de 1957, do Livro de Atas da Assembléia de Deus.

<sup>9</sup> Indica a solidariedade uma forma de amor ao próximo. O crente deveria dar um exemplo disto, mas não se imiscuir com aqueles que “não andava nos caminhos do Senhor”, ou ainda não andava.

<sup>10</sup> Corten, André. Os Pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil. Vozes. 1996. P. 21.

Também trabalhando com o conceito de paternalismo, Corten, afirma que a ação pentecostal reproduz um modelo paternalista através de uma ação de arbitragem e de graça, opressão e proteção. Em uma perspectiva escatológica, a participação na política seria uma perda de tempo e risco de corrupção. Participação esta é importante ressaltar, restringiria a atuação no espaço da política partidária, mas não o jogo político de aceitabilidade e recusa de compromisso, como observa o autor. Contudo, partindo da premissa de que o religioso informa o político, e que a sociedade encontra-se em uma constante transformação, vamos além da análise do Corten ao considerar que a participação na política, não só assistencialista, ou de barganha, encontrou impulso no meio protestante ao tomar a atuação política como uma forma de expressão do religioso, estando lado a lado atitudes de aceitabilidade e compromisso.

Em recente trabalho Maria Isabel Sampaio vem tratando acerca da representação pentecostal da Assembléia de Deus de Feira de Santana sobre o processo de saúde-doença. Trabalhando com esta representação simbólica, a autora analisou que o processo de saúde-doença não se limitam a inter-relação com a matéria, abarca também as subjetividades dos indivíduos, ou seja, suas crenças, hábitos, costumes, por ser a essência das relações sociais. Neste estudo mostra que os assembleianos “evoluíram” em seu conceito quanto o processo de doença, reconhecendo a importância médica, contudo este tem sua autoridade constituída por Deus. A isto indica uma participação evangélica não só na sociedade, como nos seus problemas:

Afirmamos que o pentecostalismo é um movimento peculiar à modernidade, identificando-se com as turbulentas transformações que ocorreram neste momento histórico – a primeira revolução industrial, e com ela a intensificação da pobreza, das epidemias, da prostituição, e do alcoolismo, juntando-se a isso a expansão desordenada das cidades, a exploração da mão-de-obra trabalhadora, o desemprego, o crescimento da mendicância, a falta de políticas públicas nos setores de saúde, educação, moradia, além da falta de perspectiva de mudança de status quo<sup>11</sup>.

O quadro de espiritualidade evangélica serviu de conforto aos despossuídos. Cuidar da espiritualidade significa estar em harmonia com o corpo, a alma e o espírito, isto por ser o corpo a moradia do Espírito Santo

---

<sup>11</sup> SAMPAIO, Maria I. da Silva. Representação do processo saúde-doença entre os pentecostais da Assembléia de Deus em Feira de Santana. Feira de Santana. UEFS. Ba. 2003. (dissertação de mestrado). P.52.

Esta prática de honrar o corpo, justifica em parte, a aversão que os protestantes têm ao consumo do álcool e do cigarro, uma vez que o consumo destes dois produtos sempre significou a possibilidade do vício incontrolável e, na atualidade, estes têm sido frequentemente associados a fatores de risco para a saúde<sup>12</sup>.

Podemos, a partir disto, constatar a interferência crescente dos evangélicos nos problemas sociais, como as atividades de recuperação dos dependentes químicos. Esta participação evangélica em atividades assistencialistas tem um papel importante na tentativa de reinserir indivíduos na sociedade. O assistencialismo é uma forma dos grupos evangélicos de se fazerem presentes na sociedade. No entanto, não deixamos de perceber nas atas o interesse de conversão destes, bem como os benefícios que buscam junto a autoridades políticas.

Trabalhando com as atas do Centro de Recuperação “Desafio Jovem” da Assembléia de Deus do período de 1980-2000 podemos conferir alguns destes aspectos. A ata nº 17 mostra o progresso do Desafio Jovem na recuperação dos toxicômanos<sup>13</sup>. Muitos dos alunos que concluíram o período terapêutico permaneceram no quadro assembleiano como fiéis e de parte deles que se formou o quadro atual de obreiros.

Quando da inauguração da casa do “Desafio Jovem” estiveram presentes diversos políticos e

O prefeito Dr. José Falcão da Silva, sentido-se honrado em termos em Feira de Santana uma organização como o Desafio Jovem trabalhando em favor de jovens viciados em tóxicos. Falou ainda que Feira de Santana estará lado a lado do Desafio Jovem no objetivo de ver a libertação do jovem viciado... Por outro lado falou o então Deputado Estadual Dr. Colbert Martins, dizendo que muito admira os evangélicos, quanto ao objetivo que eles têm de integrarem em favor do bem comum da comunidade<sup>14</sup>.

A participação de políticos é outra estratégia assembleiana de se fazer presente junto à sociedade, demonstrando a importância do Centro de Recuperação. Tanto que houve a criação de um Conselho Consultivo (em 1983), composto de autoridades políticas e personalidades feirenses, tal qual o então vereador José Ronaldo de Carvalho, Gerson Gomes (ex-vereador), Sérgio Carneiro (filho do governador João Durval), Pastor Shuts (missionário batista americano), professores, entre outros. No entanto, o

---

<sup>12</sup> SAMPAIO. Op cit. P. 67.

<sup>13</sup> Livro de Atas do Centro de Recuperação Desafio Jovem da Assembléia de Deus. Feira de Santana. 04 abri. 1985.

<sup>14</sup> Ibid. Feira de Santana. 02 jul. 1985.

Centro encontra-se sem uma contribuição sistemática de políticos, embora continue buscando uma ajuda deles.

As atividades assistencialistas e de barganha foram o caminho que, inevitavelmente, conduziram os evangélicos para a Assembléia de Deus. Gerson Gomes da Silva, diácono da denominação e primeiro membro da mesma a ser eleito a um cargo político, foi um dos principais contribuintes do Ofanato Evangélico. O mesmo ocorreu com Severino Soares, pastor da denominação, de grande carisma junto aos fiéis, e Waldeir dos Santos Pereira, também eleito a cargo político, que foram um dos encabeçaram os projetos assistenciais da AMA e do Desafio Jovem.

## **CONSIDERAÇÕES**

Em meio ao processo urbanístico desenvolvimentista de Feira de Santana, verificamos a inserção da Assembléia de Deus no contexto social da mesma. A entrada dos assembleianos feirenses na política partidária se associa a duas questões: uma de cunho processual, relativo às próprias atividades assistencialistas e de barganha e outra, que abrange os evangélicos de todo País com a veiculação de que os evangélicos deveriam votar nos evangélicos, de modo a conduzir melhor a nação brasileira. Devido a sua densidade eleitoral, não eram mais uma minoria perseguida.

A entrada da Assembléia de Deus de Feira de Santana na política partidária não significou uma negação de seus valores religiosos. Esta participação envolveu as transformações na sociedade, a citar, em contexto nacional, o golpe militar de 1964, que repercutiu positivamente entre os protestantes por significar, dentre outras coisas, uma perseguição ao comunismo ateu.

No início da década de 1970 a Assembléia de Deus de Feira de Santana teve entre vereadores da Câmara Municipal o diácono Gerson Gomes e o pastor Severino Soares. Gerson Gomes traçou uma longa carreira política como vereador, deputado estadual e candidato a prefeito em Feira de Santana. A primeira candidatura de Gerson Gomes iniciou em 1951, mas só apenas em 1972 foi candidato a vereador, eleito pelo Partido Republicano - PR. A atuação na década de 1970 foi duas vezes candidato a vereador e uma vez a deputado estadual pelo Movimento Democrático Brasileiro - MDB, sendo eleito.

Em 1983 foi assessor do governador João Durval e em 1986, candidato a deputado estadual pelo Partido da Frente Liberal - PFL, também sendo eleito. Isto demonstra articulações do assembleiano na política partidária feirense, além de uma vinculação flutuante a partidos políticos<sup>15</sup>. Severino Soares teve uma atuação política mais limitada, por ser o pastor presidente da denominação, o que envolvia, no período em análise, uma maior reação por parte de membros do grupo.

A conservação da ordem religiosa está profundamente associada à conservação da ordem política. Contudo estes campos não deixaram de entrar em conflitos, sendo que muitas das práticas sociais seculares foram reapropriadas pela religião e apoiadas pelo Estado.

A relação entre religião e política e como esta se estabeleceu no espaço interno do grupo assembleiano não está isenta de conflitos, ao contrário os conflitos moveram tais ações e o contexto social vivenciado, por este ser dinâmico. A identidade e as ações do grupo estão assim em um processo de fazer e refazer-se continuamente.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- **CORTÉN**, André. *Os Pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil*. Vozes. 1996.
- **FRESTON**, Paul. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro. **IN ANTONIAZZI**, R. ... |et al|. *Nem anjos, nem demônios*. Petrópolis. RJ. Vozes. 1994.
- **GILLANDERS**. Isobel, *A história inacabada*. Tradução: Lélia V. Fernandes. Feira de Santana. Ed. Planzo. 1990.
- **POPPINO**, Rollie. *Feira de Santana*. Ed. Itapuã. Bahia. 1968.
- **SAMPAIO**, Maria I. da Silva. *Representação do processo saúde-doença entre os pentecostais da Assembléia de Deus em Feira de Santana*. Feira de Santana. UEFS. Ba. 2003. (dissertação de mestrado).
- **SILVA**, Elizete da. Elizete. *A Expansão protestante em Feira de Santana – 1935 a 1995*. Projeto de Pesquisa. 2000.

---

<sup>15</sup> Entrevista realizada com Gerson Gomes. Feira de Santana. Outubro de 2005.